

ROMANCE DAS AVENTURAS E NAVEGAÇÕES DO PEREGRINO DE DEUS MOZART SORIANO ADERALDO

Artur Eduardo Benevides

1.

*Amigo é uma lanterna que se acende em nós.
Ou uma âncora, talvez. Uma fonte. Uma foz.
É a mão que reparte seu vinho e seu pão,
trazendo o esplendor de um gesto em solidão.
Com ele fazemos lentas romarias
por mágoas, vigílias, ócios, utopias.
E sempre nos chega presto e tutelar.
Da glória ou do réquiem vem participar.
E tudo nele é ampla devoção.
Se a guerras vamos, dá-nos provisão.
Ou põe, em sua nave, nossa alma ferida
quando a rosa-dos-ventos fica enlouquecida
e pesa-nos a noite, e a vida é escuridão,
e já não nascem rosas ou trigos pelo chão.*

2.

*Amigos são poucos. Suas flâmulas desfraldo.
Um deles: Mozart Soriano Aderaldo.
De pensamento claro e universal,
é pastor, oráculo e jogral.
E viaja do sonho no etéreo corcel,
exato e fiel
em palavras e ação.
Lutou com a Serpente. Venceu o Dragão.
E exerce seu ofício
qual perene exercício
de paixão.*

3.

*Um dia, encontrei-o a velar
junto ao Santo Sepulcro e a cantar
Te Deum laudamus. E logo relembramos
ilhas, caminhos, pontes, caravelas,*

rumos encantados e fontanas belas,
muito além das cidades de aço e de granito.
E ouvimos, de repente, o suplicante grito
de cousas e seres em desesperação.
Ele então me pediu: "Compõe uma Canção
que possa ajudar nosso mundo infeliz".
Mas, em frágil trovar, não na fiz.
Ou se a fiz, não sei.
Fui mil cousas cantar. E cantei.

4.

Indulgências e paz o Senhor lhe confere
quando ele diz, em prantos: **Miserere!**
Mesmo grisalho, não envelheceu.
Em todas as lutas, teve o espírito de Anteu.
E em ardor e esperanças é ainda um menino.
Um guerreiro de Deus. Um paladino.
Um quase asceta. Ou um ex~~o~~geta
da Palavra Sem Fim.
Sonhador, igual a Palmeirim,
o Cyrano de Bergerac ou Dom Quixote,
veio pela noite segurando o archote
triumfal da P~~o~~esia
Ou a vela ancestral da Poesia.
E ao fazer, da beleza, incessante surpresa,
embarcou a sorrir nos veleiros do poema
onde a alma se entrega à invocação do tema.
Amando as Chaconas e as Passacalles,
ou a flor Edelweiss sobre o verde dos vales,
percorreu as escadas de ostras dos mosteiros.
E abriu, vagaroso, os grossos resposteiros
das casas antigas, onde doces cantigas
e xácaras sussurram, ou gentis se empurram
para ver os lazúlis brilhando na tarde.
E tudo nele, qual chama, ~~ainda~~ arde.
Sobretudo o amor à leveza
e essa estranha e súplice tristeza
de todos os poetas.
Mas suas mãos estão repletas
da espuma dos sonhos que passam em lentidão
sobre a dor da humana condição.

5.

*Ai, quanto mais se abrem portões em Babilônia,
mais aumenta, na noite, a sua insônia!
E sabe que é necessário vigiar e orar.
Por certo não verá jamais de sua janela
a estrada que leva a São Tiago de Compostela.
Ou à bela Damasco. Mas logo as recria
pela graça da fé e o dom da Poesia.
E pede ao Cordeiro de Deus que tire os pecados do mundo,
percebendo que ao toque da luz todo amor é profundo.
E põe-se em seu mar a esperar.
Como as árvores esperam reflorir
no tempo propício, após se despedir
o áspero verão.
E voam em suas copas as aves do Sião.
E o acauã da aurora nela mora.*

6.

*Esse mago de olhar medieval
viu um dia passar o Santo Graal.
E os enfermos se ergueram e ágeis caminharam.
Os surdos ouviram. Os cegos enxergaram.
Na tarde peregrina.
ouviu, narrativas sobre a Palestina,
o Mar de Tiberíades e as águas do Jordão.
E chorou ao pensar na cabeça de João
decepada num golpe de espada
para que os incrédulos
tivessem Salomé depois dos sete véus.*

7.

*Vi-o a lutar nas Praças e nos Paços.
Vi-o em suas glórias e em breves cansaços.
Era quase um profeta, com o báculo,
na alma a conduzir um tabernáculo
de Luz.
Seria, talvez, um discípulo de Emaús
Se dado lhe fora no tempo regressar.
E veria o Cristo andando sobre o Mar,
acalmando, com um gesto, a rude tempestade.*

*Amando o que criava, seguiu com humildade
por verões ou invernos,
ouvindo as pulsações dos pêndulos eternos
a marcar o ritmo da vida.
Mas, sempre ao seu chegar, houve nova partida.
E foi quase um cigano. Ou um andarilho
com quem, junto às fogueiras, compartilho
a memória de viagens e hospedagens
nas verdes varandas da esperança.
E com a polpa das lendas alimentamos a Criança
que Deus pôs em nós.
Por isso, sua voz,
recriando grandezas que o mundo esqueceu,
repete no tempo as lições de Orfeu.
Ou vai, pelas ágoras, ao sol e ao frio,
em sagrado desafio
aos maus.
E sobe os degraus
do Invisível Convento em que seu pensamento
faz noviciado.
E tenta sacralizar o desácralizado.*

8.

*Os gestos nele têm a dimensão
e a riqueza do simples, em transfiguração.
Quando um dia se for,
habitará o intérmio albor
da Estrela da Manhã.
Ou as cores fatais de Aldebarã,
onde garças resplendem nas tardes solferinas,
pavanas a dançar com lívidas meninas.
E o passado, infinitamente,
confunde-se com o presente,
enquanto ao longe a Nau Catarineta
esconde o pranto-mor da última retreta
e as valsas protegem o suspirar das rosas
que adormeceram em vão nas noites mais formosas.
Mas todos dão glórias ao Senhor
e aos Anjos prometem sete anos de pastor.
E os ventos estivais
não apagam a chama dos velhos castiçais.*

TRÍPTICO(*)

Dom Marcos Barbosa

O MORRO DE SÃO BENTO

*Na pedra junto a Pedro, que é Cassino,
grava um novo Moisés a sua Regra,
e uma centelha voa, que outro Pedro
trará em lusas naus ao Novo Mundo.*

*Pois Cabral abre o mar a mais um Pedro,
que virá, com Simão, por sobre as águas,
após um breve pouso na Bahia,
à de Sebastião outra cidade.*

*E, atracando na praça onde começa
a erguer-se com pobres pescadores
a mais bela metrópole do mundo,*

*erguem os monges seus olhos para o monte
que será o lugar do seu repouso
e dos que hão de brotar por quatro séculos.*